

## A MISSÃO SUÍÇA EM MOÇAMBIQUE E A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE: a experiência de Eduardo Mondlane (1930-1961)<sup>1</sup>

Teresa Cruz e Silva<sup>2</sup>

(Centro de Estudos Africanos)

### Introdução

A Missão Suíça em Moçambique teve um impacto importante na formação da consciência social e política dos seus crentes, em particular, mas não só, entre os jovens. Ao desenvolver capacidades para analisar e compreender o mundo que os rodeava, através de uma educação informal, a Missão expandiu os limites cognitivos das novas gerações. Ao promover o acesso à educação secundária e universitária e ao preparar dirigentes negros para a igreja, a Missão Suíça, contribuiu para a formação de uma elite educada e para o desenvolvimento de uma liderança política.

---

<sup>1</sup> Este texto foi traduzido para português, de: "The Influence of Swiss Mission on Eduardo Mondlane (1920-1961)", publicado em *Journal of Religion in Africa*, XXVIII, 2 (1998), pp.187-209. Queremos agradecer a cortesia do editor da revista, Professor Adrian Hastings por ter autorizado a sua publicação em *Estudos Moçambicanos*. A tradução foi feita por Maria de Lurdes Torcato, com um trabalho editorial para a versão portuguesa, da autora do texto.

<sup>2</sup> Este artigo é uma adaptação de material da minha tese de Doutoramento: Cruz e Silva, T. 1996, *Protestant Churches and the Formation of Political Consciousness of Southern Mozambique (1930-1974): the case of the Swiss Mission*. Bradford, Universidade de Bradford. Pelo seu encorajamento e orientação gostaria de agradecer aos meus supervisores Professor A. Hastings, Dr. G. Littlejohn e Dr. D. Hedges. Estou particularmente grata ao Professor Hastings e Dr. Hedges pelos seus comentários.

O percurso de vida de Eduardo Mondlane, entre 1930 e 1961, que fazemos ao longo deste artigo, ilustra a interacção entre a sua formação recebida na Missão Suíça, particularmente a educação destinada às camadas mais jovens<sup>3</sup>, e a emergência da sua consciência política, que gerou uma extraordinária figura de dirigente nacionalista. As capacidades de Eduardo Mondlane como mobilizador e organizador e o seu evidente carisma de dirigente são, em parte, fruto dos talentos que a Missão Suíça ajudou a desabrochar.

Depois de realizar os estudos primários em Moçambique, Mondlane continuou a sua educação na África do Sul, Lisboa, e mais tarde nos Estados Unidos da América. Os seus contactos com movimentos estudantis e a sua vivência nestes países, levaram-no à fundação do NESAM – Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique<sup>4</sup> - e, mais tarde, ao processo de angariação de fundos para bolsas de estudo para moçambicanos. Mondlane participou na fundação da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique – onde desempenhou um papel fundamental no processo de unificação e direcção de nacionalistas de diferentes tendências, com um objectivo comum – a libertação de Moçambique.

---

<sup>3</sup> Em Moçambique as tensões entre o estado colonial e as Igrejas Protestantes do final dos anos 20 vieram a ser reforçadas pela crise geral sócio-económica e a resposta colonial no início da década de 30, em parte determinada pela política educacional baseada na raça e na religião que foi a delineada em 1929/30. Nos anos 30 a Missão Suíça começou a organizar um programa especial de educação para jovens na tentativa de superar as barreiras existentes contra o seu trabalho nas áreas sociais, para garantir um bom relacionamento com a geração mais jovem e para recrutar novos membros, mantendo ao mesmo tempo a integração da igreja nas comunidades locais. O resultado do seu trabalho foi a institucionalização dum sistema de educação para jovens chamado *mintlawa* (singular de *ntlawa*, uma palavra tsonga que significa grupos. Na literatura sobre grupos de jovens, são também chamados Patrulhas).

<sup>4</sup> NESAM, uma associação de estudantes emergiu em 1949 em Lourenço Marques. Para mais informações ver: Mondlane, E. 1983, *The Struggle for Mozambique*, London, Zed Press, pp.113-115. Poderá também consultar as várias edições do mesmo livro em Português, editadas pela Sá da Costa em Lisboa, e pela Universidade Eduardo Mondlane-Centro de Estudos Africanos, em Maputo.

Por razões práticas, vamos analisar a sua trajectória de vida em períodos cronológicos correspondendo a fases importantes da sua história:<sup>5</sup> 1) 1920-1939; 2) 1940-1943; 3) 1944-1949/50; 4) 1950-1961. Embora a maior parte da informação publicada sobre a vida de Mondlane se refira ao período 1961-1969, correspondendo assim ao seu mandato como Presidente da FRELIMO, o mesmo não é coberto pela nossa periodização, cujo foco consiste em ilustrar a interacção entre a educação transmitida pela Missão Suíça e o desenvolvimento da sua personalidade e consciência sócio-política.

A história da vida de Eduardo Mondlane foi reconstruída a partir de diversas entrevistas com familiares e amigos, de diferentes autobiografias e biografias publicadas e ainda de outras fontes documentais escritas.<sup>6</sup>

A nossa investigação nos arquivos da Missão Suíça em Lausanne (Suíça), permitiu-nos o acesso a pastas importantes contendo a correspondência trocada entre Mondlane e André-Daniel Clerc<sup>7</sup>, onde a maior parte do material é constituído por cartas inéditas de Mondlane para Clerc. Escritas durante os anos 40 e 50, as cartas revelam os diferentes estágios da

---

<sup>5</sup> Esta periodização já tinha sido em parte desenvolvida para uma anterior análise da vida de Mondlane. Ver: Cruz e Silva, T. e José, A. (1981), "Eduardo Mondlane: Pontos para uma periodização da Trajectória de um Nacionalista", *Estudos Moçambicanos* nº9, pp73-122.

<sup>6</sup> Ver por exemplo: Reis, J. e Muiuane, A.P., (eds) 1975. *Datas e Documentos da História da FRELIMO*. Lourenço Marques, Imprensa Nacional, pp 13-15 e pp 60-73; Shore, H. Resistance and Revolution in the Life of Eduardo Mondlane. In: Mondlane, E. *The Struggle ...* pp xiii-xxxi.

<sup>7</sup> André-Daniel Clerc, um missionário suíço, trabalhou em Moçambique de 1929 a 1967. A sua principal actividade desenvolveu-se no domínio da educação, particularmente com jovens. Todas as referências ou citações remetendo para a correspondência entre Mondlane e Clerc usadas neste artigo estão nas seguintes pastas: DM, MF, 910-917, Correspondência entre Eduardo Mondlane e André-Daniel Clerc (Lausanne, arquivos da Missão Suíça-DM).

evolução de Mondlane, as suas esperanças, preocupações, alegrias e problemas. Sendo testemunho de fases sociais e políticas pelas quais ele passou, exprimem também a interpretação, isenta de reinterpretações posteriores ou censura, do jovem Mondlane, sobre a sociedade.

## 1- 1920-1939

Eduardo Chivambo Mondlane nasceu numa pequena aldeia no Distrito de Manjacaze no sul de Moçambique, em 1920. Descendia de uma família de chefes: o pai, um regente da linhagem de Khambane, morreu quando ele era muito pequeno. Até aos treze anos, a sua educação esteve a cargo da mãe que era filha de uma família nobre e que parece ter tido uma importante influência no seu desenvolvimento espiritual e na sua personalidade. Dela, Eduardo recebeu a sua educação tradicional, enraizada nos feitos dos seus antepassados guerreiros. As narrativas de Mondlane acerca da sua adolescência e parte da juventude, ilustradas na obra, *Chitlango Filho de Chefe*<sup>8</sup>, oferecem numerosas revelações sobre a educação recebida da mãe, que o obrigava, muitas vezes, a repetir os nomes dos seus antepassados iniciando-o assim na história da família<sup>9</sup>. O livro

---

<sup>8</sup> *Chitlango Filho de Chefe* é a tradução de uma edição francesa (*Chitlangou, Fils de Chef*). De acordo com Clerc, o livro é resultado de uma colecção de histórias escritas por Eduardo Mondlane sobre a sua infância, durante as suas férias em Lourenço Marques quando era estudante na África do Sul. Clerc organizou e editou a obra. Chitlango, o título do livro, é um pseudónimo de Chivambo, um dos nomes da linhagem de Mondlane. Clerc explicou também que o uso deste pseudónimo visava evitar qualquer suspeita das autoridades portuguesas em relação a Mondlane (informação transmitida por Clerc durante uma entrevista com Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 15 de Outubro de 1985). Ver: Clerc, A.D. 1971, *Chitlangou Son of a Chief*. Westport (Connecticut) Negro Universities Press, de onde foram traduzidas para português, vários extractos contidos neste artigo.

<sup>9</sup> *Idem*, p.19.

está também repleto de histórias que ouviu da mãe sobre a sua linhagem e do seu lugar dentro dela. Ela costumava dizer-lhe:

*Tu Chitlango, restaurarás a tua aldeia; serás o chefe; casarás com muitas mulheres; serás venerado por todo o país; os teus numerosos filhos crescerão à tua volta* <sup>10</sup>.

Embora descendente de uma linhagem nobre, tal como muitas outras crianças da sua idade vivendo no campo, foi pastor de gado. A experiência diária no seio de um grupo de pastores foi a sua primeira 'escola'. Aí, aprendeu as regras de ajuda mútua, da cooperação e submissão às hierarquias dentro de um grupo, o papel de um dirigente e o valor de uma amizade<sup>1</sup>.

A família Mondlane sofreu as consequências da crise económica e social durante os anos 20, os efeitos da recessão geral dos inícios dos anos 30 e das políticas discriminatórias surgidas na sequência da implantação do **Estado Novo**<sup>12</sup>. Depois da morte do seu pai, a aldeia desintegrou-se e a família teve que lutar arduamente para suportar estas crises. As estratégias de sobrevivência levaram a maioria dos seus irmãos e familiares do sexo masculino para o trabalho nas minas da África do Sul, enquanto as mulheres permaneciam em casa lutando pela

---

<sup>10</sup> Idem, p.21.

<sup>11</sup> Ibid., *passim*. O livro tem maravilhosas descrições sobre as vidas dos jovens pastores, com excelentes exemplos da organização dos grupos de pastores de gado, o que em parte, inspirou André-Daniel Clerc na organização dos *mintlawa*.

<sup>12</sup> Nos anos que se seguiram ao golpe militar em Lisboa em 1926, com a definição de novas políticas, o novo regime conduzido por Salazar criou o Estado Novo, um estado corporativo. A promulgação do novo Código do Trabalho em 1928, o qual foi mais tarde modificado para ser aplicável a Moçambique em 1930, o Acto Colonial do mesmo ano (mais tarde incorporado na Constituição de 1933) que definia as principais políticas coloniais, a Carta Orgânica do Império Colonial e a reforma Administrativa do Ultramar de 1933, foram instrumentos fundamentais ao novo regime para tentar reorganizar as relações políticas e económicas entre Portugal e as colónias.

subsistência da família<sup>13</sup>. Persuadido pela mãe, sobre a necessidade de aprender a dinâmica do ‘mundo do homem branco’, em 1932 e com cerca de 12 anos de idade, matriculou-se na escola rudimentar<sup>14</sup> de Manjacaze. Na escola pública dirigida por um professor indígena, os estudantes eram obrigados a ir buscar água e apanhar lenha, bem como a trabalhar nas machambas dos professores. Muito cedo o jovem Eduardo enfrentou a violência do recrutamento compulsivo dos estudantes e a posição e poder autoritário e repressivo do professor da escola primária, que o marcou:

*Estou a aprender palavras novas... e coisas novas, também. A nossa língua tsonga foi enriquecida com a palavra “rusga”, que quer dizer “caça aos alunos novos”, uma caça que tem todas as características de um assalto regular como a palavra portuguesa ilustra. Dias de rusga são dias de terror para os pequenos pastores do mato... Muitos dos rapazes apanhados nesse dia são severamente castigados com a régua. Alguns são detidos para obrigar os pais a apresentarem-se (junto do professor)<sup>15</sup>.*

Embora tenha vindo de uma família não cristã, a sua experiência negativa na escola pública<sup>16</sup> e a influência do seu melhor amigo e provavelmente também de uma irmã casada com um pastor,

<sup>13</sup> Gaza era uma das mais importantes regiões para o recrutamento de força de trabalho para África do Sul.

<sup>14</sup> A separação existente entre a educação na escola primária para a população «indígena» e para os «cidadãos» foi confirmada oficialmente em 1941. Para os europeus, os não-negros (indianos e mulatos) e os africanos assimilados, havia um tipo de escola cujos planos e programas eram iguais aos de Portugal. A população «indígena» tinha o Ensino Rudimentar que, a partir de 1956, foi chamado Ensino de Adaptação.

<sup>15</sup> Clerc, A.D. *Chitlangou Son of a Chief*.

<sup>16</sup> De acordo com cartas suas publicadas pelo jornal *Domingo* de Maputo, em 15 de Abril de 1984, as crianças eram obrigadas pelo professor da escola a participar no recrutamento obrigatório de outras crianças, sofriam castigos corporais e eram obrigadas a ir buscar água e fazer outros trabalhos domésticos para ele.

resultou na sua decisão de mudar para a escola da Missão Suíça em Maússe (Manjacaze)<sup>17</sup>.

De acordo com o seu primeiro professor (na escola pré-primária), Natala Sumbane<sup>18</sup>, para chegar à escola de Maússe ele era obrigado a andar a pé cerca de 15 quilómetros todos os dias. Apesar disso era sempre o primeiro a chegar, de manhã cedo. Comentando esta fase da sua vida, Shore observa:

*Rapidamente, ele começou a aprender que a escola significava muitas outras coisas para além do aprender dos livros – sacrifício e apoio dos outros na família, longas caminhadas, frequentemente, comer apenas uma refeição por dia e ter de realizar tarefas não remuneradas, para o professor ou director da escola, antes e depois das aulas*<sup>19</sup>.

Depois da morte da mãe passou a morar com familiares, vivendo em circunstâncias de grande pobreza. A vida era-lhe muito difícil. Um primo seu, Fernando Mondlane, recorda a sua infância:

*Depois da morte do pai, foi viver com o tio<sup>20</sup>, que estava sempre bêbado! Eduardo sofreu muito. Tinha de dormir uma semana na casa de um amigo, outro mês com outro amigo, todos eles colegas de escola. Em casa não tinha ‘lugar nenhum’ para estar, por causa do tio<sup>21</sup>.*

---

<sup>17</sup> Silvano Muchanga, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Machecahomo (Manjacaze), 27 de Janeiro de 1993.

<sup>18</sup> Natala Sumbane era uma animadora dinâmica dos *mintlawa* para as raparigas e foi a primeira monitora na Escola Dominical e no nível pré-escolar, de Eduardo Mondlane. Apesar da sua condição de invalidez, teve a gentileza de dar uma entrevista a Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, em Chicumbane, a 28 de Janeiro de 1993.

<sup>19</sup> Shore, H., “Resistance and Revolution ...”, p.xviii.

<sup>20</sup> Refere-se a J. Magulane que é também nomeado como seu irmão. In: Shore, H., “Resistance and Revolution ...”, p.xvii

<sup>21</sup> Fernando Mondlane entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Machecahomo (Manjacaze), 27 de Janeiro de 1993. Veja também, Silvano Muchanga entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Machecahomo (Manjacaze), 27 de Janeiro de 1993.

Apesar das dificuldades económicas, Eduardo completou a escola rudimentar na missão de Maússe. Este foi o período (1930), em que nasceram e se consolidaram os grupos de juventude, *mintlawwa*, um processo em que participou com grande prazer, e do qual se veio a tornar mais tarde num importante activista e instrutor de jovens. A sua primeira experiência dentro de um *ntlawa* foi em Maússe:

*A primeira vez que fui admitido num grupo de jovens foi em Maússe durante o período em que o senhor Périer e a jovem Natala Sumbane tinham à sua responsabilidade vários grupos. Fui admitido no grupo “Luz”<sup>22</sup>. Foi neste grupo que fiz as melhores amizades com os rapazes de Maússe... uma das coisas mais importantes que se pode aprender em *mintlawwa* são os métodos democráticos de trabalho, num espírito de camaradagem. Os jovens são levados a trabalhar racionalmente em vez de resolver os problemas com violência... Quando tínhamos um problema sério o grupo ajudava-nos a encontrar a solução, por meios racionais, onde cada um era convidado a discutir a sua própria opinião sobre o problema... nos *mintlawwa* as nossas discussões giravam à volta dos nossos problemas espirituais, físicos e intelectuais e também dos problemas das pessoas em outras partes do mundo. Isto contrastava com os programas das escolas onde estudávamos todos os dias... Os grupos confrontavam-se com um mundo diferente... Uma das coisas que me foi revelada nos *mintlawwa* foi o mundo, um universo que se alargava rompendo as barreiras do meu próprio mundo...<sup>23</sup>.*

---

<sup>22</sup> Tradução textual do francês da palavra “lumière” significando também “brilho”, “veia”, “candeia” ou “conhecimento”.

<sup>23</sup> Mondlane. E., “Prólogo” in: Clerc, A.D. e Morgahentale, E. (1950) *Le Mouvement des équipes ou patrouilles «Ntlawa» au Mozambique*. Lausanne, pp.3-4, mimeo.



Em 1936, quando terminou a Escola Rudimentar foi para Lourenço Marques com um sonho na sua mente: terminar os estudos primários na escola nocturna. Aí trabalhou como servente no hospital da Missão e depois disso, na casa do missionário André-Daniel Clerc<sup>24</sup>.

André-Daniel Clerc comenta o seguinte sobre a primeira estadia de Mondlane em Lourenço Marques:

*...Mondlane chegou à nossa casa, porque trabalhava no hospital da Missão Suíça, e lavava roupa suja, ligaduras da sala de operações. E cantava...cantava tanto que na sala de operações vizinha ficavam aborrecidos. Uma das enfermeiras chegou à nossa casa e disse: temos cá um rapaz inteligente, que canta sempre, mas ele quer estudar. Talvez pudesse viver consigo. Ele veio, bastante vivo! .... Ele trabalhava a limpar o quintal, e ia à escola à terceira elementar, mas também lidava bastante com as nossas filhas, e às escondidas aprendeu francês, porque eu não queria que falassem francês em nossa casa, por causa da autoridade ... desnacionalizava, e tudo isso<sup>25</sup>.*

Sob a protecção de Clerc, acabou a escola primária e completou o curso de catequistas em Ricatla. Entre 1937 e 1939-40, o seu tempo dividia-se entre as suas actividades como pregador e instrutor de juventude na área de Lourenço Marques, trabalhando em colaboração com Clerc<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> Veja mais abaixo.

<sup>25</sup> André-Daniel Clerc, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 21 de Outubro de 1985.

<sup>26</sup> André-Daniel Clerc, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 21 de Outubro de 1985 e 1 de Novembro de 1985.

Em Lourenço Marques<sup>27</sup>, teve de enfrentar os problemas da grande cidade onde a diferenciação entre ricos e pobres era mais marcada. Também teve de suportar os problemas do dia-a-dia associados ao seu estatuto de homem negro, com a discriminação presente em todos os lugares, o uso obrigatório da *caderneta indígena* e outras barreiras de cor e de classe<sup>28</sup>.

Num comentário sobre a estadia de Mondlane em Lourenço Marques depois de ter feito o ensino primário, Clerc, que se tornou seu tutor e amigo, observa:

*Em 36/37, foi construída a pequena escola de 3 salas que temos em Khovo<sup>29</sup>, e ele habitava lá, nos corredores... tinha contactos com ele cada dia, acerca das patrulhas. Foi aí que muitas coisas se fixaram. Já tínhamos começado anos antes, mas ele também tinha as suas ideias, e discutia comigo. Foi catequista da região, que nós hoje chamamos Polana, mas Polana, no mato, e Laulane também... Foi neste momento que tivemos bastante contacto, e que colaborámos com satisfação dele, e minha também. E já entre os outros colegas, ele marcava, era original, não é? Não tinha muitos diplomas, mas tinha a 4<sup>a</sup> classe, e diploma de catequista, mas, contudo, marcava<sup>30</sup>!*

Consciente do seu desejo de aprender mais e continuar os estudos e das dificuldades que a Missão tinha em financiar os seus estudos secundários, por volta de 1939/40, Clerc mandou Mondlane para a Missão Metodista Episcopal em Cambine, na província de Inhambane, onde os missionários queriam

---

<sup>27</sup> Mais tarde Maputo (1975).

<sup>28</sup> Shore, H., "Resistance and Revolution ...", p. xviii.

<sup>29</sup> Uma paróquia da Missão Suíça em Lourenço Marques.

<sup>30</sup> André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 21 de Outubro de 1985 e 1 de Novembro de 1985.

aproveitar a experiência dos Presbiterianos com grupos de jovens, os *mintlawá*<sup>31</sup>.

## 2- 1940-1943

Em Cambine, Mondlane fez um curso de agricultura, estudou música e Inglês. Lá conheceu outros homens negros, educados pela Missão Metodista que tinham estudado na Rodésia<sup>32</sup>, com quem trocou ideias, e teve a oportunidade de participar em diferentes reuniões da Missão Metodista. De acordo com vários testemunhos, em Cambine fez muitos amigos e granjeou estima e consideração<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> *Ibid.* Mondlane foi o primeiro instrutor enviado pela Missão Suíça para a Missão Metodista de Inhambane para ensinar os métodos de organizar grupos de jovens, Natala Sumbane também foi para Inhambane por períodos curtos de tempo para ajudar na organização de grupos de raparigas. Depois da primeira experiência, os candidatos a instrutores eram mandados para cursos da Missão Suíça em Ricatla. A cooperação regular nesta área era feita através das paróquias de Gaza e Maputo (Catarina Simbine, entrevistada por Teresa Cruz e Silva, Maputo, 15 de Julho de 1994; Samuel Sengo e Filipe Nhancale, entrevistados por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José. Maxixe (Inhambane) 25 de Outubro de 1992; David Matiquite Nhavoto, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José e Eulália Temba. Chicucque (Inhambane), 20 de Outubro de 1992; Martins Paipi Chibale, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Chicucque (Inhambane), 22 de Outubro de 1992).

<sup>32</sup> André-Daniel Clerc, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985.

<sup>33</sup> André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne no dia 1 de Novembro de 1985; Martins Paipi Chibale, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Chicucque (Inhambane), 22 de Outubro de 1992; David Matiquite Nhavoto, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José e Eulália Temba, Chicucque (Inhambane) 20 de Outubro de 1992; Samuel Sengo e Filipe Nhancale, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Maxixe (Inhambane), 25 de Outubro de 1992.

Nas suas cartas para Clerc durante este período<sup>34</sup>, Mondlane exprimia já a sua preocupação a respeito das leis coloniais que controlavam a população indígena, limitando a sua liberdade de movimentos, através da lei do passe, através de pesados impostos, bem como através de formas repressivas da organização do trabalho.

As cartas que ele enviou a Clerc a partir de Cambine mencionam claramente o seu empenhamento com os grupos de jovens, com os livros que lia frequentemente, e com o seu permanente desejo de estudar<sup>35</sup>. De acordo com Clerc, durante uma reunião da Missão Suíça, ele voltou a manifestar-lhe o mesmo desejo e a vontade de se matricular na escola secundária da Missão Suíça do Transval, tendo na mesma ocasião expresso também essa vontade a Casimiro Mathié, seu antigo professor na escola primária de Maússe<sup>36</sup>.

A proposta apresentada por Clerc para a continuação dos estudos de Mondlane não foi bem recebida pela maioria dos missionários suíços, tendo mesmo sido considerada por alguns uma manifestação da ambição pessoal de Mondlane. Assim, e depois de dois anos de trabalho em Inhambane, a Missão Suíça decidiu pôr à prova a sua dedicação ao trabalho da igreja antes de lhe dar a oportunidade de continuar os estudos. Isto viria a constituir mais uma provação<sup>37</sup>. Em 1942 foi-lhe entregue a responsabilidade de uma pequena paróquia no Distrito de Manjacaze, Dingane, onde ficou até 1944. Viviam-se um período

---

<sup>34</sup> DM.MF, 910. Carta de Eduardo Mondlane a André-Daniel Clerc em Lourenço Marques, Cambine, 22 de Outubro de 1941.

<sup>35</sup> DM.MF, 910. Cartas de Eduardo Mondlane a André-Daniel Clerc. Cambine, 22 de Outubro de 1941, 16 de Outubro de 1941 e 19 de Março de 1942.

<sup>36</sup> André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985.

<sup>37</sup> *Ibid.*

de forte expansão das missões Católicas e das escolas rudimentares a elas subordinadas<sup>38</sup>. Desafiando a nova legislação sobre educação nativa, ele organizou com êxito uma escola clandestina em Dingane, como se pode ler numa carta de Mondlane a Clerc em 1942:

*Tenho aberta uma escolinha particular que conta com 53 alunos, incluindo alunos desde os 7 anos até 18. Parece que não haverá perigo de nada com os católicos porque entendo-me muito bem com o professor do local de Manjacaze, que é bom cristão católico romano. A referida escolinha é para atrair rapazes e meninas para a escola dominical e permite que possa escolher alguns rapazes para as patrulhas....<sup>39</sup>.*

Comentando o trabalho de Mondlane em Dingane, Clerc observou que o seu nome de origem nobre, Chivambo, era respeitado na região de Manjacaze onde estava a trabalhar. Assim, a abertura de uma escola clandestina nunca foi denunciada, nem mesmo pelo professor da escola rudimentar<sup>40</sup>. Nada evitou porém, que Mondlane tivesse que enfrentar alguns dos problemas mais gerais que afectavam os protestantes trabalhando na área da educação. Uma carta de Mondlane de 11 de Agosto de 1942 para Clerc, diz:

*Aqui<sup>41</sup> há grandes exemplos criados pelos católicos que procuravam privar-nos de todos os direitos sobre a juventude.*

---

<sup>38</sup> Em 1940, a Concordata e o Acordo Missionário formalizaram a relação institucional entre o Vaticano e Portugal, estabelecendo os princípios de cooperação entre eles para a empresa colonial. O Estatuto Missionário de 1941 atribuía a responsabilidade da educação para "indígenas" às missões Católicas que assumiram o papel principal no desenvolvimento da educação "indígena" de acordo com princípios morais e cristãos e em benefício da construção da assimilação.

<sup>39</sup> DM.MF, 910. Carta de Mondlane para André-Daniel Clerc. Dingane, (Manjacaze) 23 de Outubro de 1942.

<sup>40</sup> André-Daniel Clerc, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985.

<sup>41</sup> Referindo-se a Dingane (Manjacaze), onde ele teve a escola clandestina.

*Pensamos que é um vendaval produzido pela chegada de Sua Excia o Senhor Ministro das Colónias ... Cada professor, cada catequista católico procura obter o maior número de alunos possível a fim de ser louvado pelo seu 'Padre Superior'<sup>42</sup> e este por Sua Excia., o Sr. Ministro ...<sup>43</sup>.*

Em Dingane, ele enfrentou os problemas do baptismo compulsivo e do recrutamento de crianças para a escola católica<sup>44</sup>. Dingane ficava perto da aldeia da família de Mondlane. Assim, no seu dia-a-dia foi-lhe possível testemunhar os problemas sócio-económicos desta zona, tal como é mencionado nas cartas a Clerc. Ele próprio teve que se adaptar à crise, combinando o duro trabalho agrícola com as suas actividades de catequista e professor<sup>45</sup>:

*Estou tão ocupado que não tenho muito tempo para escrever cartas. Durmo todos os dias muito tarde. De manhã ocupo-me com a agricultura; de tarde estou a trabalhar com as crianças e à noite estou a ler...As patrulhas vão adiante. Tenho de trabalhar muito durante este ano... Na minha escola dominical tenho perto de oitenta crianças que frequentam regularmente. Elas são o prazer dos meus olhos ...O professor católico romano que fica perto do nosso lugar entende-se comigo... Procuro preparar maneira de entender-me com os professores*

---

<sup>42</sup> O responsável pela Missão.

<sup>43</sup> Referindo-se ao Ministro das Colónias. DM.MF, 910. Carta de Mondlane para André-Daniel Clerc. Dingane 11 de Agosto de 1942.

<sup>44</sup> Como a educação para «indígenas» estava sob a responsabilidade da Igreja Católica, a partir de 1940, os alunos nas suas escolas eram obrigados a aprender o catecismo católico e, em algumas áreas, era essencial o baptismo católico para ser admitido na escola. Usando de intimidação e repressão contra as famílias protestantes, alguns professores das escolas católicas impunham o baptismo e o trabalho obrigatório nos campos do professor.

<sup>45</sup> DM.MF, 910. Carta de Eduardo Mondlane para André-Daniel Clerc. Dingane (Manjacaze) 28 de Junho de 1943.

*católicos romanos meus vizinhos, mas são muito antagonizantes do nosso serviço. Eles são mais enérgicos do que os próprios senhores padres*<sup>46</sup>.

As cartas de Mondlane para o seu tutor e amigo, André Clerc, contêm uma análise constante da situação no país e das consequências das políticas coloniais portuguesas em Moçambique. A sua correspondência do período de Dingane reflecte claramente o impacto da Concordata de 1940 e subsequentes acordos sobre as actividades educacionais nas zonas rurais.

Entrevistas recentes com os seus amigos e familiares contêm sempre referências à sua profunda necessidade de estudar e aprender. André-Daniel Clerc<sup>47</sup>, ao lembrar a sua vida, entre meados dos anos 30 até cerca de 1961, referiu a sua sede de conhecimento e a grande força de vontade quando se tratava de ler e aprender.

Reverendo a correspondência trocada com Clerc pode constatar-se como Mondlane se tornou muito mais maduro depois da estadia em Cambine e do seu trabalho em Dingane com crianças e adultos. Como resultado do seu empenhamento no trabalho, foi-lhe concedida uma bolsa da igreja para prosseguir os seus estudos na África do Sul.

---

<sup>46</sup> Referindo-se aos Padres Católicos que tinham a escola primária sob a sua responsabilidade e aos professores africanos que trabalhavam dentro do sistema. DM.MF, 910. Carta de Eduardo Mondlane para André-Daniel Clerc. Dingane (Manjacaze) 25 de Outubro de 1942 e Manjacaze, 8 de Abril de 1943.

<sup>47</sup> André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985; Samuel Sengo e Filipe Nhancale, entrevistados por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Maxixe (Inhambane) 25 de Novembro de 1992; Martins Paípe Chibale, entrevistado por Teresa Cruz e Silva. Chicuque (Inhambane) 22 de Outubro de 1992; Silvano Muchanga, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Machecahomo (Manjacaze), 27 de Janeiro de 1993.

### 3- 1944-1949/50

Em 1944, Mondlane partiu para a África do Sul<sup>48</sup> onde ia prosseguir os seus estudos secundários<sup>49</sup> na Missão de Lemana no Transval do Norte<sup>50</sup>. Na primeira fase dos seus estudos na África do Sul, Mondlane teve de fazer um esforço suplementar, quer para ultrapassar a fraqueza do seu inglês, quer também para iniciar os estudos de língua *africaans* e adaptar-se ainda a um diferente sistema de educação. Mesmo assim, ele foi capaz de conciliar os estudos com as actividades religiosas, trabalhando como catequista. Shirley<sup>51</sup> foi a sua primeira paróquia onde ele pregava, primeiro aos Domingos e depois duas a quatro vezes por semana, usando algumas horas do seu tempo de descanso. A qualidade do seu trabalho e a sua dedicação como estudante levaram a que fosse eleito presidente da Associação dos Estudantes Cristãos, no ano académico de 1946<sup>52</sup>.

Durante a sua estadia em Lemana, Mondlane iniciou, junto a André-Daniel Clerc, a discussão sobre a continuação dos seus estudos: um curso de assistente social ou uma licenciatura em sociologia na Universidade de Fort Hare ou na Universidade do Witwatersrand, tendo em conta a sua obrigação de fazer estudos sociais para trabalhar na igreja<sup>53</sup>. Tendo passado nos exames do seu ‘Junior certificate’ e da parte terminal da escola

---

<sup>48</sup> A correspondência entre Mondlane e Clerc acima referida indica que em 1944 Mondlane já era estudante na escola secundária da Missão Suíça no Transval (ver por exemplo DM.MF, 910, cartas de Mondlane para Clerc datadas de Março e Dezembro de 1944). Provavelmente com base no ano em que foi garantido o visto de imigração (Tobias, P.V. «Little Known Chapter in the Life of Eduardo Mondlane, *Geneve-Afrique*, vol.16, nº1, 1978, pp119-124, refere-se a 1945 como o ano em que teve a autorização da imigração), Shore dá 1945 como o seu primeiro ano de estudos no Transval (Shore, H., “Resistance and Revolution ...”, ppxviii). É possível que, embora fosse estudante, ele tivesse uma autorização de residência temporária como catequista da Missão Suíça. Que ele já era considerado como catequista, é evidente na correspondência entre Clerc e Mondlane bem como na sua história pessoal anterior. Ver as páginas seguintes.



---

<sup>49</sup> Shore, H., "Resistance and Revolution ...", p.xviii; Tobias, P.V., "A Little Known ...", p.120. De acordo com ambos, Mondlane teve uma bolsa do Conselho Cristão de Moçambique para estudar em Lemana.

<sup>50</sup> Mondlane frequentou o "Instituto de Formação de Lemana" de acordo com as suas cartas a Clerc: DM.MF, 911. Cartas de Mondlane a André-Daniel Clerc, 5 de Dezembro de 1945; 25 de Novembro de 1946 e 27 de Janeiro de 1946. Observa-se que de acordo com Shore, H., "Resistance and Revolution...", p.xviii, Mondlane frequentou a Escola Secundária «Douglas Laing Smith». Tentando clarificar esta questão, Elizabeth Cuenod, descendente de uma família de missionários suíços trabalhando na África do Sul, forneceu-me gentilmente, em Novembro de 1995, a seguinte informação sobre a escola de Lemana, baseada em informação coligida por seu pai: 'O Instituto de Formação de Lemana começou em 1906. A princípio só era necessário o nível 3 mas mais tarde passou a ser o nível 6. Por volta de 1933-1935, o meu avô, Reverendo René Cuenod (superintendente do Instituto de Formação de Lemana, 1930-1935) começou com aulas do pós-primário dadas durante os fins de semana por outros missionários (por exemplo matemática pelo Sr. Thomas, inglês pela Sra. P. Thomas, Biologia e Ciências pelo Dr. J.Rosset) para melhorar o nível dos professores. O Sr. Douglas Laing Smith era na altura Secretário de Educação no 'United Party' e, precisamente antes das eleições (quando os Nacionalistas ganharam) pediram-lhe para canalizar fundos para a construção de uma escola secundária em Lemana. Esta foi construída por volta de 1936 nas instalações do instituto de formação e foi-lhe dado o seu nome: Escola Secundária Douglas Laing Smith. Quando o Instituto de Formação de Lemana foi fechado, como forma de eliminar a influência da Missão Suíça, foi construída uma nova instituição de formação em Tivumbeni e o local da Lemana foi conservado como uma escola secundária. Para conservar o nome de Lemana, pediram a Douglas Laing Smith se ele não se importava que o seu nome fosse retirado e a escola voltasse a ser chamada Escola Secundária de Lemana. Ele não colocou nenhuma objecção e o nome foi mudado. A escola ainda hoje está a funcionar'. Os meus agradecimentos a Elizabeth Cuenod pela cortesia.

<sup>51</sup> Elizabeth Cuenod também nos deu sobre Shirley (Novembro de 1995) a seguinte informação: "Shirley – uma quinta privada pegada com a Elim Farm, propriedade do Sr. Stanley Phipps, filho de um missionário Congregacional. Ele insistiu em que a quinta fosse tratada como uma propriedade da missão e portanto havia lá uma capela, uma escola e uma oficina onde faziam mobília, sapatos, cestos, etc.

<sup>52</sup> DM.MF, 911. Carta de Eduardo Mondlane a André-Daniel Clerc. Lemana, 5 de Dezembro de 1945. A carta refere-se à sua eleição como presidente de uma "Students Christian Association".

<sup>53</sup> DM.MF, 912. Carta de Eduardo Mondlane a André-Daniel Clerc. Lemana, 25 de Novembro. Embora o ano não seja referido, parece ser de 1946 ou 1947, antes de ele se ter matriculado na escola de Assistentes Sociais. (1948).

secundária (Matriculation), em 1948 matriculou-se na Escola de Assistentes Sociais Jan Hofmeyer, de Joanesburgo<sup>54</sup>. Como o programa não ia ao encontro das suas ambições intelectuais e, depois de consultar Clerc, matriculou-se no curso de Sociologia na Universidade de Witwatersrand no ano escolar seguinte. Comentando esta questão, Clerc observou:

*Em Lemana ele fez-se um bom estudante. Não estou bem certo mas acho que ele saltou um ou dois anos da escola secundária e passou ao estágio seguinte. Depois disto alguns professores e amigos meus comentaram que um aluno tão brilhante devia ir para a escola de medicina, mas eu disse a Mondlane que ele tinha sido formado para trabalhar na área social da igreja e devia estudar para continuar a trabalhar nesta área. Concordou comigo e matriculou-se numa escola de assistentes sociais. Na escola desenvolveu uma forte amizade com o senhor Randall, um jovem missionário americano que foi um dos seus professores... Mondlane não estava muito satisfeito com a escola. Informou-me disso e discutiu com o Senhor Randall que preferia um curso universitário e que a sua escolha era um curso em Ciências Sociais<sup>55</sup>.*

Com o apoio de Randall e com a admissão de Mondlane na Universidade de Witwatersrand assegurada, Clerc meteu ombros à difícil tarefa de convencer a Missão Suíça da importância dos estudos de Mondlane.

No final de 1948 Mondlane regressou a Moçambique de férias. Trazia com ele a experiência das associações de estudantes da África do Sul e o seu conhecimento pessoal do Congresso Nacional Africano (ANC). Fez contactos e reuniões informais com amigos e outros estudantes da escola secundária, a maioria dos quais membros do Centro Associativo dos Negros de

---

<sup>54</sup> Tobias, P.V., "A Little Known...", p.120.

<sup>55</sup> André-Daniel Clerc, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985. Ver também: Tobias, P.V. A Little Known... p. 120.

Moçambique (CANM)<sup>56</sup>, muitos dos quais com antecedentes de educação missionária, Presbiteriana ou Metodista. Nessa altura, decidiram organizar uma associação de estudantes, o Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM). Embora haja pouca informação sobre os primeiros passos do NESAM, os seus principais objectivos consistiam em criar a unidade e a camaradagem entre estudantes africanos do ensino secundário, e o desenvolvimento de actividades culturais e desportivas. Como Mondlane expressou claramente:

*Tive uma reunião com estudantes africanos da escola secundária de Lourenço Marques com a ideia de organizar um grupo de estudantes secundários. Havia aproximadamente 20 estudantes de ambos os sexos. Discutimos o problema durante mais de duas horas, o que resultou na formação do Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Lourenço Marques... O que me deixa feliz é saber que todos nós decidimos construir alguma coisa de bom. O objectivo do nosso núcleo é construir um espírito de unidade e camaradagem entre estudantes africanos, expresso no desejo ardente de ter cultura espiritual, intelectual e física e servir sem egoísmo a comunidade africana*<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> Nas primeiras décadas do século XX, grupos de negros e mulatos urbanos, educados e prósperos, formaram associações onde realizavam campanhas contra a situação colonial. O Instituto Negrófilo (mais tarde chamado Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique), foi fundado em 1930 por uma ala mais radical da elite de Lourenço Marques vinda do Grémio Africano. Para mais informação ver: Penvenne, J. 1995 *African Workers and colonial Racism: Mozambique Strategies and Struggles in Lourenço Marques, 1877-1962*. London, James Currey.

<sup>57</sup> DM.MF, 913. Carta de Eduardo Mondlane para André-Daniel Clerc. Lourenço Marques, Janeiro de 1949. (A carta foi metida no correio para Lausanne). Durante o mesmo período foi pedida a ajuda de Mondlane por jovens que vinham de um passado nos *mintlawas*, para colaborar na organização de um núcleo de jovens em Chamanculo, um dos centros de educação da Missão Suíça em Lourenço Marques. A ideia era ter um grupo de jovens cristãos para discutir os seus próprios problemas. Ver: carta de Eduardo Mondlane a André-Daniel Clerc, escrita de Lourenço Marques para Lausanne, Janeiro de 1949.

O NESAM foi desde os primeiros momentos colocado sob suspeita, pelas autoridades coloniais, e Mondlane foi detido pela polícia para interrogatórios no princípio de 1949<sup>58</sup>.

Comentando sobre o NESAM, Friedland escreve:

*...a PIDE<sup>59</sup> deteve um dos fundadores do NESAM...e obteve do Procurador Geral autorização para manter o NESAM sob vigilância<sup>60</sup>.*

Referindo-se de novo ao NESAM e ao envolvimento de Mondlane na organização, Friedland comenta:

*A pessoa detida, Eduardo Mondlane, ilustra como a PIDE estava interessada em saber se o NESAM tinha qualquer conexão Pan-africana, de índole política ou financeira. Enquanto estudava na África do Sul Mondlane esteve envolvido com a Liga da Juventude do ANC...<sup>61</sup>*

---

<sup>58</sup> Mondlane, E. *The Struggle ...* pp113-114.

<sup>59</sup> PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado. Durante o Estado Novo, a polícia em Portugal e nas colónias foi reorganizada. Em 1933 fora criada a PVDE – Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Esta era uma polícia política, substituída em 1945 pela PIDE (Decreto 35046 de 22 de Outubro de 1945). Em 1969 a PIDE foi substituída pela DGS – Direcção Geral de Segurança. Apesar de um grande número de autores se referir à PIDE ou à DGS e ao seu papel repressivo em Moçambique, ainda não é claro quando as suas actividades foram alargadas às colónias. É provável que a PIDE tenha começado a operar em Moçambique durante 1948-49 ou durante o início dos anos 50, como resultado das eleições de 1949 durante as quais a campanha da oposição teve considerável impacto. O desenvolvimento da situação política em Portugal e nas colónias nos anos que se seguiram levou ainda a uma maior repressão política

<sup>60</sup> Ver: Friedland, E. 1980. *A comparative study of the development of revolutionary nationalist movements in Southern Africa – FRELIMO (Mozambique) and the African National Congress of South Africa*. Ph.D Thesis. City University, New York, p.144.

<sup>61</sup> *Ibid.*, nota de rodapé (3) da p.144.

A autora prossegue, observando que os portugueses consideravam que o NESAM era um *embrião de uma organização nacionalista africana e que, como tal, devia ser estritamente vigiada*<sup>62</sup>.

Liberto pela polícia, Mondlane regressou à África do Sul a 6 de Fevereiro de 1949<sup>63</sup>, onde lhe fora concedida uma bolsa de estudos para fazer a sua licenciatura em ciências sociais (Sociologia) na Universidade de Witwatersrand. Para complementar a bolsa, Mondlane tinha um emprego a tempo parcial, que foi arranjado com a ajuda do missionário Randall. Apesar de viver na “Douglas Smith House”, durante os fins-de-semana realizava actividades na Igreja<sup>64</sup>.

Referindo-se à curta experiência de Mondlane como estudante universitário na África do Sul, Clerc comentava que Mondlane sempre se havia distinguido dos outros. Tendo chamado a atenção dos seus colegas, a Comissão Executiva dos Estudantes da União Sul-Africana (NUSAS), elegeu-o como representante dos estudantes do primeiro ano para ir a uma conferência na Cidade do Cabo... Todavia a sua expulsão de Moçambique não permitiu a sua participação nessa conferência<sup>65</sup>.

Em 1948, o Partido Nacionalista de Malan tinha ganho as eleições na África do Sul e introduzira políticas mais abertas de *Apartheid*. Devido a esta nova situação, a autorização de residência temporária de Mondlane não foi renovada depois de Junho de 1949. Até 1945 ele tinha uma licença da imigração

---

<sup>62</sup> *Ibid.*, nota de rodapé (4) da p.145.

<sup>63</sup> Tobias, P.V., “A Little Known ...”, p.120.

<sup>64</sup> DM.MF, 913. Cartas de Eduardo Mondlane para André-Daniel Clerc. Joanesburgo, 15 de Julho de 1949 e 18 de Fevereiro de 1949.

<sup>65</sup> André-Daniel Clerc, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, 1 de Novembro de 1985.

para frequentar a escola no Transval, que era regularmente renovada. Comentando sobre os seus problemas devido à autorização de residência temporária, Tobias escreve:

*Nos finais de 1948, Mondlane foi de férias a Moçambique e, como habitualmente, notificou as autoridades da União Sul-Africana. Foi-lhe dito em resposta que, se ele não regressasse à África do Sul até 6 de Fevereiro de 1949, a autorização de residência ia expirar. A autorização era renovável de seis em seis meses. Em 1949, Mondlane cumpriu os prazos estipulados, regressando à União Sul-Africana a 6 de Fevereiro...No dia 16 de Junho de 1949, quando a sua autorização de residência temporária devia ser renovada por mais 6 meses, isto não aconteceu e voltou com o carimbo de "Final"<sup>66</sup>.*

Apesar de uma campanha organizada pela Associação de Estudantes da África do Sul, o Centro Associativo dos Negros de Moçambique (CANM)<sup>67</sup> e várias personalidades, a favor de Mondlane, ele foi obrigado a deixar a África do Sul<sup>68</sup>.

A este propósito, André-Daniel Clerc observou:

*...Em 48 veio o apartheid, apareceu a polícia a verificar todos os estudantes de cor na universidade. Mondlane teve que sair, mas um grande número de estudantes da universidade uniram-se em protesto contra isso. Ele veio para a nossa casa, e desta vez, já não era um pequeno serviçal, já era quase...não um Doutor mas enfim, o estudante! E falávamos, e falávamos<sup>69</sup>!*

---

<sup>66</sup> Tobias, P.V., "A Little Known ...", p.120.

<sup>67</sup> Idem p.121: 'Entretanto, a Associação dos Negros de Moçambique pediu ao Governador-Geral para intervir, enquanto a 13 de Setembro o Johannesburg Joint Council of Europeans and Africans protestou e pediu ao Ministro para rever a sua decisão'.

<sup>68</sup> *Ibid.*

<sup>69</sup> André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José. Lausanne, 1 de Novembro de 1985.

A própria Universidade de Witwatersrand continuava empenhada em ajudar Eduardo Mondlane, e para isso a administração da Universidade organizou procedimentos especiais. As provas de exame foram enviadas para as instituições mais elevadas de ensino em Lourenço Marques, em Novembro de 1949 e, com as normas regulamentares de vigilância, Mondlane fez os seus exames e passou<sup>70</sup>.

A expulsão de Mondlane da África do Sul é apresentada pelas nossas fontes orais sob várias formas<sup>71</sup>. Como Clerc observou, quando Mondlane voltou para casa, aos seus olhos ele não era mais um serviçal mas um estudante. Aos olhos de alguns dos seus compatriotas ele era também quase um herói.

Durante a sua estadia na África do Sul, Mondlane realizou viagens no período de férias e como parte do seu trabalho, para diferentes lugares do país, alargando os seus horizontes e aprendendo imenso acerca da estrutura sócio-política da África Austral.

---

<sup>70</sup> Tobias, P.V., "A Little Known ...", p.123.

<sup>71</sup> Entre alguns exemplos, José Mutumane disse-nos que a autorização de residência de Mondlane não foi renovada somente porque ele era moçambicano (José Mutumane, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Coolela, 14 de Outubro de 1993). Para Elias Manhique, Eduardo Mondlane foi expulso da África do Sul, em primeiro lugar porque o governo de Malan não podia aceitar que um homem tão inteligente viesse de Moçambique e estivesse a estudar numa Universidade da África do Sul e, em segundo lugar, porque o governo também chegou à conclusão que a sua residência na África do Sul era, desde o início, ilegal. Elias Manhique, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Chicumbane, 28 de Janeiro de 1993.

Para além de contactos que estabeleceu como catequista e como estudante, teve, também, contactos com imigrantes moçambicanos vivendo nos bairros de mineiros, e com moçambicanos organizados em associações<sup>72</sup>.

O impacto das novas correntes políticas que se desenvolveram durante e depois da Segunda Guerra Mundial e as mudanças políticas na África do Sul, também influenciaram a geração de Mondlane. No jornal *Nyeleti Ya Miso*<sup>73</sup>, foi publicado um poema de Eduardo Mondlane no dia 3 de Outubro de 1944. Nele, o autor faz um elogio de Elim, Lemana e Shirley do Transval Norte e também homenageia o Dr Aggrey, a quem considera um homem inteligente e um campeão da *Negritude*, numa indicação sobre os efeitos da corrente de ideias que circulava à sua volta. Embora haja poucas evidências para analisar o impacto do movimento Pan-Africanista e da *Negritude* em Mondlane, parece haver a certeza de que Aggrey já fazia, em 1942, parte das leituras de Mondlane, tal como ele menciona numa carta a

---

<sup>72</sup> De acordo com José Mutumane, um dos nossos informadores e um amigo de Mondlane, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Coolela, 14 de Outubro de 1993, Mondlane passou algumas das suas férias com ele, vivendo na casa onde ele estava a trabalhar como empregado doméstico, e mais tarde foi apresentado a uma Associação Social Banto de que Mutumane era membro. Tendo alguns membros da sua família a trabalhar nas minas, Mondlane teve também contactos nos bairros de mineiros.

<sup>73</sup> *Nyeleti Ya Miso*: papila ra Vutonga ni Buronga (Estrela da Manhã: jornal dos Tsonga e Ronga). Cleveland (Transval): Missão Suíça. O primeiro número foi publicado em Janeiro de 1921 e o último número em Junho de 1949, após o que um jornal conjunto Presbiteriano e Metodista Mahlale, passou a ser produzido; ver: Sopa, A. 1985. *Catálogo de Periódicos Moçambicanos, precedido de uma introdução histórica, 1854-1984*. Trabalho de Diploma, licenciatura em História com especialidade em Documentação. Universidade Eduardo Mondlane; Maluleke, S.T. 1995. 'A Morula Tree Between Two Fields' in *The Commentary of Selected Tsonga Writers on Missionary Christianity*. Doutor em Teologia na disciplina de Missiologia. University of South Africa.



Clerc<sup>74</sup>. Mais tarde, o seu envolvimento na Liga da Juventude do ANC parece ter desempenhado um importante papel na sua transição da moderada negritude de Aggrey para o Africanismo da Liga da Juventude do ANC, através da prática política dos anos 40. As suas leituras e a sua experiência na Missão Metodista Episcopal e em Dingane vieram a ser reforçadas pela sua experiência política na África do Sul, onde havia uma profunda efervescência política na atmosfera do pós-Segunda Guerra Mundial e da reestruturação do ANC.

Entre o seu regresso da África do Sul (1949) e a sua partida para Lisboa (1950) para continuação de estudos, ele esteve intensamente activo na Missão Suíça, trabalhando em campanhas de alfabetização<sup>75</sup> e ajudando André-Daniel Clerc.

Como parte do esforço levado a cabo pela Igreja Metodista e pela Missão Suíça, Darrel e Mildred Randall e ainda André Clerc, ajudaram a angariar fundos para a continuação de estudos de Mondlane, tanto em Lisboa como nos Estados Unidos da América<sup>76</sup>.

---

<sup>74</sup> DM.MF, 910. Carta de Eduardo Mondlane a André-Daniel Clerc. Mucambe (Inhambane), 9 de Junho de 1942. Aqui, ele refere-se às suas leituras sobre «Aggrey of Africa», que ele considera como «o mais refinado escritor do século XX» e na qual ele expressa a sua admiração pela pessoa e o seu desejo de um dia se encontrar com ele.

<sup>75</sup> André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985, afirmou que Mondlane traduziu as lições do Dr. Laubach durante a sua estadia em Moçambique, no período entre os seus estudos na África do Sul e a sua partida para Lisboa (1950).

<sup>76</sup> Para mais informações ver: Shore, H., «Resistance and Revolution ...» e André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985.

Em Lourenço Marques a polícia política deteve-o outra vez para interrogatórios antes da sua partida para Lisboa, embora só por algumas horas. Aparentemente eles pretendiam saber até que ponto ele estava influenciado pelo desenvolvimento dos movimentos políticos em África<sup>77</sup>.

Antes da sua partida para a Europa, Mondlane visitou de novo as áreas rurais. Em Chicumbane e Maússe, os seus amigos e familiares e os membros da sua comunidade religiosa renderam-lhe uma homenagem. Recordando as suas memórias deste tempo, Jordina Mondlane<sup>78</sup>, que cantou para nós uma canção que o povo de Maússe tinha entoado durante o serviço religioso de despedida a Mondlane, observou que no fim desta cerimónia, Mondlane chorava, como aliás toda a gente. Délia Jotamo Zucule<sup>79</sup>, deu-nos informação idêntica sobre a homenagem que o povo da missão de Chicumbane organizou em honra de Mondlane neste mesmo período, e observou que toda a gente o admirava e amava.

Eis o texto da canção entoada em Maússe, em tsonga, na cerimónia de homenagem a Mondlane<sup>79a</sup>. Nela estão integrados numa única oração, o crescimento pessoal de Mondlane, a sua fé cristã e a sua missão política.

---

<sup>77</sup> André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne 1 de Novembro de 1985.

<sup>78</sup> Entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Maússe, 12 de Outubro de 1993.

<sup>79</sup> Entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Maputo, 21 de Julho de 1994.

<sup>79a</sup> Tradução de Bento Siteo, para Português.

*Tatana Eduardo*  
*Hakukhongela lesvi uhisukelaka*  
*Ufambaka uya America*  
*Hi thlelo ra ijondzo*

*Hosi mukatekise takwe*  
*Apfune vantima hinkwavo*  
*Hakombela ka Yesu Hosi*  
*Kuhinyika vanwani*

*We Yehova Hosi ya matilo*  
*muheleketse Europa*  
*Hina vanhu vale Africa*  
*Hikarele hi yucarawa*  
*Hita kuma xana anchuseko*  
*Hintamu wa Yesu Hosi*

*Wukathekisa tinjondzweni*  
*takwe*  
*Apfuna vantima hinkwavo*  
*Hakombela ka Yesu Hosi*  
*Kuhinyika vanwani*

Pai Eduardo  
Oramos por ti  
Quando partes para a América  
Para continuação de estudos

Senhor, abençoi os seus estudos  
Para que ele ajude todos os negros  
Nós oramos ao Senhor Jesus  
Para que nos dê outros como ele.

Senhor do céu, vai com  
ele para a Europa  
Nós filhos de África  
Estamos cansados da escravatura  
Seremos livres  
Com a força do Senhor Jesus

Temos a esperança que sejas  
abençoado nos teus estudos  
Para que ajudes todos os negros  
Nós oramos ao Senhor Jesus  
Para que nos dê outros como ele.

#### **4- 1950-1961**

Em 1950 Mondlane parte para Lisboa. De acordo com Clerc, o plano inicialmente traçado, previa que ele fizesse um ano de estudos em Portugal, de forma a melhorar os seus conhecimentos de língua portuguesa, uma forma de evitar eventuais conflitos com a administração portuguesa.

Enquanto permanecia em Portugal, à espera de terminar os procedimentos para a sua matrícula na universidade, recebeu um convite para participar numa reunião organizada na Suíça, pelas patrulhas de jovens suíços. Era seu desejo encontrarem-

-se com o herói do livro *Chitlango Filho de Chefe*, cuja publicação tinha sido um êxito, e queriam ouvi-lo falar das suas experiências<sup>80</sup>. No seu regresso, Mondlane matriculou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no curso de Ciências Histórico-Filosóficas<sup>81</sup>.

Embora a escassez de dados sobre o período de Mondlane em Lisboa limitem a nossa análise, sabemos que em Portugal ele manteve contactos com Agostinho Neto, Marcelino dos Santos, Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral e outros estudantes das então colónias portuguesas.

Em Lisboa, ele continuou a manter a sua ligação com a igreja, tarefa facilitada pelo facto de residir no lar do Seminário Evangélico de Carcavelos, ao mesmo tempo que era membro da Comissão Cultural do Conselho Evangélico Português. Uma vez que os missionários suíços que iam para Moçambique passavam alguns meses em Portugal para aprendizagem da língua portuguesa, ele tinha também uma oportunidade para manter contactos mais directos com a Missão Suíça.

A sua estadia em Portugal, embora curta, ensinou-lhe que havia uma diferença entre o sistema colonial português em tanto que tal, e o povo português, um ponto importante para a futura definição das estratégias de luta em Moçambique.

---

<sup>80</sup> André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985.

<sup>81</sup> DM.MF, 914 e 915. Cartas de Mondlane a Clerc, Carcavelos, Portugal, 24 de Dezembro de 1950 e 9 de Janeiro de 1951.

De acordo com Marcelino dos Santos e Mário Pinto de Andrade<sup>82</sup>, enquanto muitos estudantes africanos das colónias portuguesas que vinham para Lisboa, tentavam incessantemente *encontrar as suas raízes africanas*<sup>83</sup>, Mondlane era o único que não tinha necessidade de tal procura. Ele vivia imbuído nelas, uma vez que nunca se tinha distanciado das suas origens.

Tal como outros estudantes provenientes das colónias portuguesas, Mondlane estava sob vigilância policial, tendo muitas vezes sido abordado pela polícia portuguesa. Terminado o seu primeiro ano de estudos, quando se preparava para seguir para os Estados Unidos, foi detido e interrogado pela polícia portuguesa, e só depois de uma carta da Missão Suíça para a administração portuguesa, foi autorizado a viajar<sup>84</sup>. Deste modo, ao chegar ao aeroporto de Lisboa, não lhe foi permitido imediatamente continuar viagem, aparentemente porque o seu passaporte não estava em ordem, tendo sido obrigado a adiar a viagem por dois dias<sup>85</sup>.

---

<sup>82</sup> Comunicação pessoal durante o seminário «Ideologias de Libertação Nacional» Maputo, Centro de Estudos Africanos, 1985.

<sup>83</sup> Durante os anos 40 e 50, emergiram nas colónias portuguesas movimentos de protesto contra a dominação colonial nos quais pintores, escritores e outros artistas e intelectuais desempenharam um papel importante. A reafirmação da 'Mãe África' e a 'ressurgência do homem negro' que dominava este tipo de protesto aparece como uma negação da política portuguesa de assimilação que estimulava a rejeição dos valores e cultura africanos. Confrontados possivelmente com a realidade da sociedade metropolitana europeia e as relações do poder imperial no período do pós guerra, os estudantes africanos em Lisboa reforçavam a sua relação com os seus países de origem desenvolvendo actividades associativas e culturais com os seus companheiros na Casa dos Estudantes do Império ou do Centro de Estudos Africanos, apesar de serem vigiados pela polícia.

<sup>84</sup> DM.MF, 914. Carta de Eduardo Mondlane para André Clerc. Carcavelos, Portugal, 12 de Maio de 1951.

<sup>85</sup> DM.MF, 914. Carta de Eduardo Mondlane a André Clerc. Hartford, USA, 20 de Julho de 1951.

Em 1951, com uma bolsa do Fundo Phelps-Stokes em Nova Iorque, iniciou os seus estudos de Antropologia e Sociologia, no Oberlin College (BA) e na Universidade do Northwestern (MA e Ph.D), respectivamente, nos Estados Unidos da América.

As actividades de Mondlane nos Estados Unidos não se limitaram aos programas universitários. Os primeiros contactos de Mondlane com os Estados Unidos tinham sido em Hartford onde passou algum tempo a apoiar especialistas de estudo da fonética Banto<sup>86</sup>.

Desde as primeiras semanas de sua estadia nos Estados Unidos, Mondlane teve sempre uma vida muito ocupada, particularmente entre os círculos cristãos. Comentando esta fase da sua vida, Shore observa:

*Ele dava conferências a grupos de pessoas, por todo o país, assistia ainda a conferências cristãs e outros encontros, participava em campos de férias e campanhas e escrevia ou era entrevistado, para várias publicações<sup>87</sup>.*

Confirmando os comentários de Shore, as cartas de Mondlane para Clerc ilustram as suas imensas ocupações, repartidas entre os seus estudos e um grande número de conferências e reuniões, onde ele tinha de fazer palestras sobre Moçambique e África, a maior parte delas no seio de círculos cristãos. Durante a sua estadia nos Estados Unidos ele teve a oportunidade de encontrar pessoas provenientes de vários quadrantes do universo, trocar experiências e aprender. Já em 1952, tinha sido convidado para representar África, na Conferência da UNESCO em Nova York, sobre problemas dos países subdesenvolvidos e dependentes<sup>88</sup>.

---

<sup>86</sup> *Ibid.*

<sup>87</sup> Shore, H., "Resistance and Revolution ...", p.xxi.

<sup>88</sup> DM.MF, 915. Carta de Eduardo Mondlane para André Clerc. Oberlin, Ohio, 25, 1952. A carta não tem referência ao mês.

Durante este período, André-Daniel Clerc manteve a sua amizade com Eduardo Mondlane. Comentando a estadia de Mondlane nos Estados Unidos, Clerc declara:

*Em Lisboa, ele fez o primeiro ano ... Depois disso foi para os Estados Unidos, para um colégio, e lá também marcou e foi depois admitido na Northwestern University. Quando fui lá para falar com Mondlane, um dos professores perguntou-me: vocês, como é que fazem para nos apresentar homens de tal vulto, tais capacidades e personalidade tão rica<sup>89</sup>?*

Nos Estados Unidos da América manteve o seu relacionamento com os Randall e beneficiou do financiamento do American Methodist Board of Foreign Missions, para continuação de estudos.

Entre 1954 e 1955 obteve o lugar de assistente na Universidade de Northwestern e foi depois para Harvard como investigador. Em 1956 acabou os estudos e casou com Janet Johnson. Em 1957 Mondlane foi nomeado oficial investigador das Nações Unidas, no “Trusteeship Department”.

Quando Mondlane deixou a sua terra natal para estudar, primeiro na África do Sul e mais tarde na Europa e Estados Unidos da América, a ideia era ser formado para fazer trabalho nas áreas sociais da igreja, em Moçambique. A sua estadia nestes países, reforçou a sua consciência política e consolidou as suas capacidades para analisar criticamente o sistema colonial português. Tudo indica que a direcção dada à sua vida pessoal e profissional nos Estados Unidos, estava mais estreitamente relacionada com o destino sócio-político de África e de Moçambique, do que com o desenvolvimento da Missão Suíça.

---

<sup>89</sup> André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985.

O seu trabalho como oficial investigador no “Trusteeship Department” das Nações Unidas, permitiu-lhe ter contactos mais directos com a situação política no Tanganica, dos Camarões e do Sudoeste Africano (Namíbia), e proporcionou-lhe a rara oportunidade de ter contactos directos com políticos africanos, tal como Julius Nyerere. Este tipo de contactos ampliou os seus horizontes sobre os conflitos mundiais<sup>90</sup> e reforçou as suas ideias sobre a necessidade de combater o colonialismo e a dominação política em Moçambique.

Em 1961, enquanto trabalhava para as Nações Unidas, fez uma visita privada a Moçambique. Na actual província de Maputo, visitou a capital colonial, Lourenço Marques e o Seminário Unido de Ricatla; em Gaza, foi a Xai-Xai, Manjacaze e Maússe; em Inhambane, visitou Cambine e Chicúque. Nestes locais, encontrou velhos amigos, antigos colegas, missionários e parentes<sup>91</sup>. Durante a visita teve o apoio tanto da Missão Suíça como da Missão Metodista Episcopal que lhe providenciaram alojamento, e um automóvel com motorista, para lhe facilitar a visita<sup>92</sup>.

---

<sup>90</sup> Ver: Shore, H., “Resistance and Revolution...”, pp xxiv-xxv; Cruz e Silva, T. e José A., “Eduardo Mondlane ...”, pp 104-105.

<sup>91</sup> Para mais informações sobre a visita de Mondlane a Moçambique ver: Shore, H., “Resistance and Revolution...”, pp xxv-xxvi; Jonathan Rodrigues Chale, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Maputo, 30 de Maio de 1985; André-Daniel Clerc, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Machecahomo (Manjacaze), 27 de Janeiro de 1993; Silvano Muchanga entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Machecahomo (Manjacaze) 27 de Janeiro de 1993 e Casimiro Pedro Mathié, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Chicumbane, 29 de Janeiro de 1993.

<sup>92</sup> Ver: André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985 e Pedro Eduardo Demony, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Chicucque-Inhambane, 28 de Outubro de 1992.



Embora a polícia secreta vigiasse os seus movimentos e as pessoas por ele contactadas, ele conseguiu ter encontros com várias pessoas, tendo discutido com algumas delas aspectos da situação política em Moçambique<sup>93</sup>.

De acordo com alguns testemunhos, Mondlane e a esposa receberam boas-vindas de pessoas e personalidades de diversos sectores sociais e políticos, o que reflecte a estatura que ele já tinha ganho como figura internacional, visto como o representante e ao mesmo tempo o filho de um povo oprimido. Quando fazia uma visita à cidade, em reuniões da igreja ou simplesmente ao passar por certas zonas da cidade, as pessoas aglomeravam-se para o ver ou para com ele falar. Por todo o lado lhe eram prestadas homenagens, provenientes de pessoas de diferentes grupos sociais, e era tratado com grande respeito. André-Daniel Clerc observa:

*Mondlane trabalhava para as Nações Unidas, e ele pediu-me que a sua família pudesse ser recebida em nossa casa. Era filho da casa. Preparámos um pequeno aposento lá no Khovo... O Eduardo devia passar por Angola. Veio no avião de Angola ... No dia seguinte, quando ia à baixa com a mulher e os filhos, a circulação parou! Todo o mundo africano queria vê-los. Lembro-me que ele foi à 'Minerva Central', e toda a rua lá ficou parada. Havia 200 ou 300 pessoas que queriam vê-lo, observá-lo: é a nossa gente! É nosso!*

---

<sup>93</sup> Albino Maheche, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José e Júlio Matsimbe, Maputo, 20 de Fevereiro de 1986; Amaral Matos, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José e Jacques Depelchin, Maputo, 29 de Março de 1986.

*Nós não suspeitávamos que Mondlane fosse tão conhecido.*

*Na igreja, fez pregação. Devia ser no Khovo, e afinal fomos a Chamanculo. E havia fileiras de gente fora, correspondendo a cada janela<sup>94</sup>!*

Em Moçambique, Mondlane pôde testemunhar as más condições do estado da educação, saúde e outros serviços sociais providenciados pelo governo, a diferenciação racial, a repressão política e a crise económica, tendo tudo isso reforçado a sua determinação sobre a necessidade de lutar por Moçambique<sup>95</sup>.

Testemunhos orais sugerem que a visita de Mondlane foi um catalisador que levou muita gente jovem a considerar de uma maneira mais concreta a libertação do seu país.

Para muitos, os discursos de Mondlane trouxeram pela primeira vez um apelo inter-étnico e a ideia de uma luta nacional. A sua visita trouxe também consequências dramáticas em termos de aumento da repressão e numerosos casos de detenções e perseguições<sup>96</sup>. Nacionalistas como Albino Maheche, Amaral Matos ou Virgílio de Lemos foram detidos pela polícia depois da partida de Mondlane, e os Protestantes, particularmente os Presbiterianos, passaram a ser vigiados mais de perto pela polícia política.

---

<sup>94</sup> André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985.

<sup>95</sup> Ver: Shore, H., "Resistance and Revolution...", p.xxvi. Ver também Albino Maheche entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José e Júlio Matsimbe, Maputo, 20 de Fevereiro de 1986; Amaral Matos entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José e Jacques Depelchin, Maputo, 29 de Março de 1986 e Pedro Eduardo Demony, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Chicunque, 28 de Outubro de 1992. Todos eles relataram os contactos, discussões e visitas que Mondlane efectuou durante o ano de 1961.

<sup>96</sup> Albino Maheche, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José e Júlio Matsimbe, Maputo, 20 de Fevereiro de 1986; Amaral Matos, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José e Jacques Depelchin, Maputo, 20 de Março de 1986.

Para além de relatos escritos sobre a sua visita em 1961, há numerosos informadores orais que o viram, ouviram, ou falaram com ele. Entre estes últimos foi difícil separar o facto histórico do imaginário e do místico. A sua visita a Gaza e Inhambane está envolta pelo imaginário, transformando por exemplo, um vulgar acidente de carro numa conspiração de estado para assassinar Mondlane<sup>97</sup>. Dos numerosos sermões e discursos que fez, há um que parece ter sido o que mais impressionou as pessoas e que foi pronunciado na paróquia da Missão Suíça de Chamanculo. Nele, Mondlane usou a “Parábola da Águia”, de Aggrey<sup>98</sup>, que foi interpretada por centenas de pessoas da congregação como uma mensagem de esperança para a liberdade<sup>99</sup>.

Durante os anos 60 várias condições internas e externas desencadearam lutas armadas nas colónias portuguesas. A crescente repressão dos anos 60 reduziu ainda mais o espaço para a luta política dentro do território de Moçambique. Em 1961, movimentos nacionalistas das colónias portuguesas encontraram-se em Casablanca para formar um comité – Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas – CONCP – para analisar e coordenar os seus problemas comuns e a evolução da situação política nas colónias<sup>100</sup>.

---

<sup>97</sup> Jonathan Rodrigues Chale, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Maputo, 30 de Maio de 1985; André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985; Pedro Eduardo Demony, entrevistado por Teresa Cruz e Silva, Chicucque-Inhambane, 28 de Outubro de 1992.

<sup>98</sup> Jonathan Rodrigues Chale, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Maputo, 30 de Maio de 1985, deu-nos uma informação detalhada sobre a “Parábola da Águia”. Para mais informações sobre esta parábola ver: Smith, E.W. 1929. *Aggrey of Africa: a Study in Black and White*. Londres, The Garden City Press. pp 136-137.

<sup>99</sup> André-Daniel Clerc, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985.

<sup>100</sup> Marcelino dos Santos, de Moçambique, membro da UDENAMO, fez parte do secretariado da nova organização.

Isto, juntamente com a explosão da revolta e sua repressão em Angola, nesse mesmo ano, foram importantes elementos que levaram o movimento moçambicano a unificar-se.

Regressado aos Estados Unidos depois de passar pelo Tanganica onde visitou Nyerere, Mondlane demitiu-se do seu cargo nas Nações Unidas e aceitou um lugar temporário na Universidade de Siracusa, nos Estados Unidos. Tendo aceite um convite dos partidos moçambicanos no exílio, participou numa conferência em Dar-es-Salam em 1962, na qual foi fundada a FRELIMO<sup>101</sup>. Já comprometido com a necessidade de lutar por Moçambique bem como pelo resto da África Austral, Mondlane aceitou uma posição de direcção na FRELIMO e foi eleito Presidente.

Em 1964 a FRELIMO, operando no exílio, transformou a luta armada numa guerra de libertação, conduzindo o processo até aos Acordos de Lusaca com o regime português, em 1974. Mondlane, que uniu diferentes tendências numa luta nacional, conduziu o movimento até 1969 quando foi assassinado por uma encomenda armadilhada, perto de Dar-es-Salam.

Embora Mondlane não trabalhasse para a igreja, manteve laços de amizade com Presbiterianos e Metodistas e uma amizade muito especial com André-Daniel Clerc. Comentando as últimas recordações que tinha de Mondlane, Clerc observou:

*Vi o Eduardo pela última vez em 68. Tinham passado anos! Ele estava já na Tanzânia, não é? Quando voltámos, encontrámos*

---

<sup>101</sup> FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) emergiu da unificação de partidos políticos no exílio como a UDENAMO – União Democrática Nacional de Moçambique, fundada em Bulawaio (Rodésia) em 1960 e MANU – União Nacional Africana de Moçambique, fundada no Quênia em 1961. Embora a história oficial da FRELIMO também refira a presença da UNAMI (União Nacional de Moçambique) como o terceiro movimento que se juntou aos outros para formar a FRELIMO, tudo indica que eles só se juntaram à FRELIMO depois da conferência de 1962.

*o nosso filho gravemente doente, com um cancro nos pulmões. E Mondlane veio visitá-lo. Era, enfim, o irmão mais novo. O nosso filho morreu umas semanas depois.. Posso dizer, que em 68/69, a minha mulher e eu perdemos o nosso filho de carne, e o filho do nosso espírito. Ambos deixam lembranças inesquecíveis. Mondlane foi um filho espiritual, foi inteligente, foi criador. Foi um exemplo<sup>102</sup>!*

## **Conclusão**

A consciência de Mondlane emergiu de diferentes experiências: a educação tradicional transmitida pela sua mãe; a luta quotidiana contra o sistema colonial; a educação veiculada pela igreja e diferentes experiências de vida como estudante, professor, trabalhador e investigador em universidades e nas Nações Unidas. Todos estes factores em conjunto fizeram o homem e o dirigente “sempre ouvindo, reflectindo e crescendo”<sup>103</sup>.

A repressão política permanente pelo governo colonial; o trabalho forçado; os homens fazendo contratos de trabalho para a África do Sul para poderem pagar os impostos ao governo, enquanto as mulheres faziam o que podiam para alimentar a família, tudo isto era parte da experiência de vida de Mondlane e desempenhou um papel importante na formação da sua consciência política.

---

<sup>102</sup> André-Daniel Clerc, entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, Lausanne, 1 de Novembro de 1985. Tradução livre.

<sup>103</sup> Shore, H., “Resistance and Revolution...”, p.xxx.

Está fora de dúvida que a experiência de Mondlane durante a sua infância e juventude possa ser considerada uma pedra angular na formação da sua personalidade e consciência. Contudo, as suas experiências na África do Sul e nos Estados Unidos da América desempenharam um papel de relevo na mudança da sua opção de trabalhador social da missão, e mais tarde académico, para a sua carreira política. Na África do Sul ele o seu horizonte alargaram-se para passar a incluir um meio ambiente político diferente. Nos Estados Unidos teve contactos com gente de toda a parte e, tal como Shore disse, usufruiu da “atmosfera livre e aberta”<sup>104</sup> tão diferente da do Moçambique colonial.

Foi esta gama de experiências que capacitou Mondlane para emergir como o unificador de diversas forças nacionalistas na criação da FRELIMO e que devia vir a ser recrutado nos anos de formação desta organização (1962-1969).

---

<sup>104</sup> Shore, H., “Resistance and Revolution...”, p.xxiii.